



Jennifer Ashley

Vencedora do Prémio RITA para Melhor Romance

elle

OS PECADOS
de Lorde Cameron

Ele não desistirá até que
ela se renda à tentação.

TOP
SEL
LER

Agradeço à minha editora, Kate Seaver, pelo seu constante apoio a esta série. Agradeço também aos numerosos leitores que me têm dito o quanto amam os irmãos Mackenzie! Obrigada!

*Para mais informação sobre os irmãos e a série,
por favor visite a página dos Mackenzies no meu site:
www.jennifersromances.com*

Capítulo 1

Escócia, setembro de 1882

Eu vi a Sra. Chase introduzir aquela carta no bolso de Lorde Cameron. Fê-lo praticamente debaixo do meu nariz, maldita. Ainsley Douglas, no seu vestido de baile, ajoelhou-se e introduziu as mãos no roupeiro de Lorde Cameron Mackenzie.

Porque escolhera precisamente Cameron Mackenzie, entre tanta gente? A Sra. Chase saberia? O coração de Ainsley retumbava, mas depois acalmou-se. Não, Phyllida Chase não podia saber. Ninguém podia saber. Cameron não lhe contara, pois se o tivesse feito a história teria voltado a Ainsley com uma velocidade estonteante, como era habitual nos mexericos da sociedade. Era, pois, de crer que Cameron tivesse feito segredo da história.

Ainsley sentiu-se apenas ligeiramente melhor. A carta da rainha não estava nos bolsos de nenhum casaco no quarto de vestir. No roupeiro, Ainsley encontrou camisas muito bem dobradas, colarinhos empilhados em caixas próprias, gravatas cuidadosamente separadas com papel de seda. Luxuosas cambraias e sedas, linhos macios, tecidos caros para um homem rico.

Remexeu com rapidez as roupas, mas não encontrou a carta descuidadamente metida num bolso ou caída entre as camisas, na prateleira. O criado de quarto, provavelmente, revistara os bolsos do amo e retirara qualquer papel aí esquecido para o devolver a Lorde Cameron ou guardar noutro sítio. Ou talvez Cameron já o tivesse encontrado e, considerando-o uma tolice feminina, queimara-o. Ainsley rezou para que o tivesse queimado sem ler.

Não que isso resolvesse completamente o seu dilema. Phyllida, maldita mulher, tinha mais cartas da rainha escondidas algures. A missão de Ainsley era recuperá-las a qualquer custo.

O custo imediato foi para o seu vestido de baile cinzento-pérola, o primeiro que vestia em anos sem ser preto. Para não falar nos custos para os seus joelhos, costas e sanidade.

Sanidade que foi ainda mais perturbada pelo barulho da porta a abrir atrás de si.

Ainsley recuou precipitadamente para fora do roupeiro e olhou em volta, esperando ver o assustador cigano que era criado de quarto de Cameron a fitá-la com cólera. Em vez disso, a porta tapou a pessoa que a abria, dando a Ainsley mais alguns segundos para entrar em pânico.

Tinha de se esconder. Mas onde? A porta para o quarto de vestir ficava do outro lado da divisão e o armário por trás dela estava demasiado cheio para conter uma mulher em vestido de baile. Debaixo da cama? Não, nunca conseguiria correr pela tapete e escapular-se lá para baixo a tempo.

A janela, com o seu banco a todo o comprimento, estava a dois passos de distância. Ainsley correu para lá, atafulhou as saias debaixo do corpo e fechou os cortinados.

Mesmo a tempo. Pela abertura entre os cortinados, viu o próprio Lorde Cameron voltar ao quarto com Phyllida Chase, antiga dama de honor da rainha, pendurada no seu pescoço.

O súbito aperto no coração de Ainsley apanhou-a de surpresa. Há semanas que sabia que Phyllida deitara as garras a Cameron Mackenzie. Porque haveria ela de se importar? Phyllida era o género de mulher que Lorde Cameron preferia: bonita, experiente, sem interesse no marido. Também Cameron era do género que agradava a Phyllida: rico, formoso, sem interesse numa relação séria. Eram perfeitos um para o outro. Que tinha Ainsley a ver com isso?

Mesmo assim, formou-se-lhe um nó na garganta quando Lorde Cameron fechou a porta com uma mão e deslizou a outra para o fundo

das costas de Phyllida. Ela enrolou os braços em volta dele, enquanto Cameron se inclinava e lhe dava beijos ociosos no pescoço.

Naquele abraço havia desejo, um desejo desinibido e inconfundível. Outrora, muito tempo antes, Ainsley sentira o desejo de Cameron Mackenzie. Lembrava-se de uma onda de calor a amolecer-lhe o corpo, do ardor dos seus beijos. Tinham passado anos, mas ainda se lembrava da impressão da boca dele nos seus lábios, na sua pele, das suas mãos tão hábeis.

Phyllida fundiu-se com Cameron com um ruído esfomeado e Ainsley revirou os olhos. Sabia perfeitamente que o Sr. Chase ainda estava nos jardins, passeando com os outros hóspedes da casa de campo de Hart pelos caminhos iluminados por lanternas de papel sob o céu da meia-noite. Ainsley sabia-o porque se escapara da festa quando os convidados passavam do salão de baile aos jardins, para poder revistar o quarto de Lorde Cameron.

Caramba, não podiam tê-la deixado procurar em paz? Não, a irritante Phyllida não conseguia manter-se afastada do seu Mackenzie e arrastara-o ali para cima para se envolverem. Cabra egoísta.

O casaco de Cameron deslizou para o chão. O colete e a camisa por baixo deste perfilavam músculos endurecidos por anos a cavalgar e a treinar cavalos. Lorde Cameron movimentava-se com facilidade para um homem tão grande, confortável com o volume do seu corpo. Montava a cavalo com a mesma graça, os cavalos debaixo dele respondendo ao seu mais leve toque. As senhoras também reagem a esse toque, sabia-o por experiência própria.

Havia quem dissesse que a funda cicatriz na sua face lhe arruinara a formosura, mas Ainsley discordava. A cicatriz nunca a perturbara, mas a sua altura cortara-lhe a respiração quando Isabella lho apresentara, seis anos antes, assim como a sua mão enluvada a engolir a dela, tão pequena. Cameron não parecera muito interessado numa velha colega de escola da cunhada mas, mais tarde... *Oh, aquele mais tarde.*

Neste momento o olhar de Cameron estava reservado para a beleza esguia e de cabelos negros de Phyllida Chase. Por acaso, Ainsley sabia

que Phyllida mantinha o cabelo preto com o auxílio de um pouco de tinta, mas nunca o diria. Não seria assim tão mesquinha. Se ela e Isabella tinham dado umas boas gargalhadas por causa disso, que mal havia?

O colete e a gravata de Cameron desapareceram, assim como o colarinho, e Ainsley teve uma bela visão da sua garganta nua e húmida.

Afastou o olhar, com uma dor no peito. Perguntou-se quanto tempo teria de esperar antes de tentar a fuga — com certeza, quando ambos estivessem na cama, estariam demasiado embrenhados um no outro para a verem a gatinhar até à porta. Ainsley inspirou profundamente, sentindo-se mais infeliz a cada minuto que passava.

Quando reuniu coragem para voltar a espreitar, o corpete de Phyllida estava aberto, revelando um bonito espartilho sobre curvas generosas. Lorde Cameron dobrou-se para lhe beijar o seio que transbordava do espartilho, e Phyllida gemeu de prazer.

De repente, a visão que surgiu a Ainsley foi a de Lorde Cameron premindo os lábios no *seu* seio. Recordou a respiração dele a queimar-lhe a pele, as mãos dele nas suas costas. E o seu beijo. Um beijo fundo, quente, que despertava todos os desejos que Ainsley alguma vez tivera. Ela recordava a exata pressão desse beijo, a forma e o sabor da boca dele, a aspereza das pontas dos seus dedos na pele.

Também se lembrava do pingente de gelo no seu coração quando, no dia seguinte, ele a olhara como se fosse transparente. Por sua culpa. Ainsley era jovem e permitira-se ser enganada, e agravara o problema insultando-o.

A mão de Phyllida estava agora sob o *kilt* de Cameron. Ele mudou de posição para a deixar explorar e o pano de quadrados subiu um pouco. As coxas fortes de Cameron ficaram visíveis e Ainsley viu, chocada, que estavam marcadas por cicatrizes desde a parte de trás dos joelhos até à curva das nádegas.

Eram golpes profundos, nodosos, feridas antigas há muito cicatrizadas. Céus, Ainsley não vira *aquilo*. Horrorizada, não conseguiu conter o gritinho que se lhe escapou dos lábios.

Phyllida levantou a cabeça.

— Querido, não ouviste nada?

— Não. — Cameron tinha uma voz profunda e a palavra soou rouca.

— Tenho a certeza de que ouvi um barulho. Queres ser um querido e verificar aquela janela?

Ainsley ficou petrificada.

— Que se dane a janela. Deve ter sido um dos cães.

— Querido, *por favor*. — O seu tom mimado era perfeito. Cameron resmungou qualquer coisa e, em seguida, Ainsley ouviu os seus passos pesados.

O seu coração disparou. O quarto tinha duas janelas, uma de cada lado da cama. Havia uma probabilidade de dois para um de que Lorde Cameron se dirigisse à outra janela. Probabilidades idênticas, diria Steven, o irmão mais novo de Ainsley. Ou Cameron afastaria aquela cortina e revelaria Ainsley, ou não.

Steven não apreciava as probabilidades idênticas. A falta de variáveis tornava-as desinteressantes, insistia ele. Isso porque não era Steven quem estava encolhido num banco de janela, prestes a ser descoberto por Lorde Cameron e pela mulher que andava a chanta-gear a Rainha de Inglaterra.

As grandes mãos morenas de Lorde Cameron seguraram as pontas dos cortinados diante de Ainsley, separando-os apenas alguns centímetros.

Ainsley ergueu o rosto para ele, encontrando o seu olhar de topázio pela primeira vez em seis anos. Ele olhou-a diretamente, como um leão na savana a espiar uma gazela, e a gazela que havia em Ainsley só queria fugir, fugir, fugir. Mas a rebelde maria-rapaz da Academia da Menina Pringle era agora uma camareira ativa e devolveu-lhe o olhar com arrojo.

O silêncio prolongou-se. O corpo largo de Cameron impedia que fosse vista do quarto, mas ele podia perfeitamente virar-se e revelá-la. Cameron não tinha qualquer dívida para com ela. Ele devia saber

que ela se escondia no seu quarto por causa de outra intriga. Podia trair Ainsley, entregá-la a Phyllida, e achar que ela o merecia.

Por trás de Cameron, Phyllida falou.

— O que é, querido? Vi que te sobressaltaste.

— Nada — respondeu Cameron. — Só um rato.

— Não suporto ratos. Mata-o, Cam.

Cameron deixou o seu olhar enredar-se no de Ainsley, que se esforçava por respirar dentro do espartilho demasiado apertado.

— Deixá-lo-ei viver — disse ele. — Por enquanto. — Cameron voltou a fechar os reposteiros, deixando Ainsley novamente encerrada na sua tenda de veludo e vidro. — É melhor irmos embora.

— Porquê? Acabámos de chegar.

— Avistei demasiadas pessoas a regressar à casa, incluindo o teu marido. Vamos descer separados. Não quero embarçar a Beth e a Isabella.

— Oh, muito bem.

Phyllida não parecia muito desapontada, talvez por pensar que não lhe faltariam ocasiões para desfrutar das carícias do seu Lorde Mackenzie.

Por um momento, Ainsley sentiu uma inveja profunda, que lhe retorceu as entranhas.

Ficaram os dois em silêncio, sem dúvida a vestirem-se, e depois Phyllida disse:

— Falo contigo mais tarde, querido.

Ainsley ouviu a porta a abrir e mais conversa abafada antes de esta ser fechada e tudo ficar em silêncio. Esperou mais alguns minutos, com o coração a bater desenfreadamente, para ter a certeza de que eles se tinham ido embora antes de abrir os cortinados e se levantar do banco da janela.

Atravessara o quarto e preparava-se para girar a maçaneta da porta quando ouviu um pigarreio atrás dela.

Lentamente, Ainsley virou-se. Lorde Cameron Mackenzie estava no meio da sala, em mangas de camisa e *kilt*, o seu olhar dourado

deixando-a mais uma vez presa ao chão. Ergueu uma chave nos dedos grandes.

— Diga-me então, Senhora Douglas — disse ele, a sua voz grave fluindo sobre ela. — Que diabo faz a senhora no meu quarto... desta vez?

Capítulo 2

Seis anos antes

Caramba, que agradável que isto é.

Seis anos antes, quase exatamente nesse dia, Cameron Mackenzie, na ombreira da porta daquele mesmo quarto, avistara uma bela desconhecida a fechar a gaveta do seu toucador.

A senhora estava vestida de azul — um vestido azul-escuro, cintilante, que lhe desnudava os ombros, cingia a cintura e voltava a alargar sobre uma pequena armação. Pendiam-lhe rosas do cabelo e da cauda do vestido. Ela tirara os sapatos — para ser mais furtiva —, revelando pés esguios dentro de meias de seda brancas.

Não o tinha ouvido. Cameron encostou-se à moldura da porta, divertindo-se a vê-la revistar tão despreocupadamente o seu toucador.

Ébrio e entediado, Cameron deixara a interminável festa de Hart lá em baixo, incapaz de suportar mais um minuto. Agora, o seu aborrecimento desvanecia-se. Não conseguia lembrar-se da identidade daquela jovem — sabia que já lhe fora apresentada, mas os convidados de Hart há muito que se tinham fundido numa massa indistinguível de humanidade.

Aquela senhora destacava-se agora dessa massa, tornando-se-lhe mais real a cada segundo.

Cameron atravessou silenciosamente o quarto, abandonando o entorpecimento em que existia quando não estava com os seus cavalos ou com Daniel. Parou mesmo atrás da senhora vestida de azul e segurou-lhe a cintura de cetim.

Era como segurar um gatinho — um grito sobressaltado, batidas rápidas do coração, a respiração acelerada. Ela voltou-se e olhou para cima, e enredou-lhe o coração num par de olhos cinzentos.

— Meu senhor. Eu estava... *hum...* eu estava só...

— À procura de qualquer coisa — ajudou ele. As rosas do seu cabelo eram verdadeiras, o seu aroma intensificado pelo calor da mulher. A adornar-lhe o pescoço, uma simples corrente de prata com um medalhão.

— De lápis e papel — concluiu ela.

Não tinha jeito para mentir. Mas era macia e cheirava bem, e Cameron estava suficientemente bêbado para não se importar que lhe mentisse.

— Para me escrever uma carta?

— Sim. Claro.

— Diga-me o que escreveria nessa carta.

— Não sei exatamente.

A sua gaguez era enternecedora. Que ela desejava envolver-se com ele era perfeitamente óbvio. Cameron apertou-lhe mais a cintura e puxou-a com gentileza para si. A pequena armação das saias dela premia-lhe a virilha, impedindo-o de sentir o que queria.

Quando ela voltou a erguer o olhar, algo se quebrou dentro dele. O cheiro dela misturado com o das rosas, a sensação do seu corpo na curva do seu braço, o roçar do seu cabelo louro no queixo, despertou-lhe emoções que ele julgava mortas há muito.

Ele precisava daquela mulher, queria-a. Podia afogar-se nela, fazê-la suspirar de prazer, desfrutar do olvido com ela, mesmo que apenas por alguns instantes.

Cameron beijou-lhe o ombro com os lábios abertos, saboreando-lhe a pele. Salgada, doce, um pouco apimentada. Não era suficiente — ele queria mais.

Cameron não costumava beijar mulheres nos lábios. Beijar criava expectativas, esperanças de um romance, e Cameron não pretendia romance com as suas mulheres.

Mas queria descobrir o sabor daquela jovem que simulava tanta inocência. Ocorreu-lhe um nome.

— Sra.... Douglas? — Cameron recordava-se vagamente de um marido ao lado dela, lá em baixo, um homem que era, sem dúvida, demasiado velho para ela. Ela devia ter casado por conveniência. Provavelmente, há anos que o homem não lhe tocava.

Cameron haveria de tocá-la e saboreá-la e depois devolvê-la-ia, saciada e feliz, ao marido incompetente. Pelo menos uma noite daquela maldita festa não seria tão aborrecida.

Ele inclinou-lhe a cabeça para trás e roçou-lhe a boca gentilmente com os lábios. A Sra. Douglas saltou de surpresa mas não se afastou. Cameron abriu-lhe os lábios, aprofundando o beijo.

Um ardor agradável percorreu-o todo quando a Sra. Douglas mergulhou a língua na sua boca, hesitante mas maravilhosamente curiosa.

A senhora era inexperiente, como se não beijasse assim há muito tempo, mas Cameron percebia que o fizera pelo menos uma vez. Segurou-lhe a cabeça com as mãos e deixou-a explorar.

Cameron interrompeu o beijo para lhe lambe os lábios, descobrindo que a humidade entre eles tinha a doçura do mel. Moveu a boca para a garganta dela, ao mesmo tempo que lhe desapertava os colchetes nas costas do corpete. A seda separou-se facilmente e ele puxou o tecido para baixo, o que lhe permitiu inclinar-se e beijar-lhe o peito. O som de prazer que a Sra. Douglas emitiu excitou-o mais, a necessidade de se apressar retumbava-lhe no cérebro. Mas Cameron não queria apressar-se. Queria ir lentamente, saboreando cada momento.

Deixou o corpete descair até à cintura e, com a facilidade concedida pela prática, deslizou a mão para as fitas do espartilho.

Ainsley pensou que ia incendiar-se e morrer. Não era esta a sua intenção — ela tencionava estar bastante longe daquele quarto antes de Lorde Cameron regressar. Mas agora Lorde Cameron reavivava sensações que ela julgara nunca mais poder sentir.

O colar que retirara do toucador de Cameron estava bem guardado na algibeira da anágua. Estivera quase para guardá-lo nos seios, mas as esmeraldas eram volumosas e temeu que se notassem por baixo do corpete. Felizmente mudara de ideias, ou os dedos lascivos de Cameron já o teriam encontrado.

O colar pertencia a uma tal Sra. Jennings, uma viúva amiga do irmão de Ainsley. Entre lágrimas, a Sra. Jennings confidenciara a Ainsley ter deixado o colar de esmeraldas no quarto de Cameron, e agora o grande velhaco não queria devolvê-lo. Afirmara que ele estava a chantageá-la. A Sra. Jennings temia a exposição pública, o escândalo. Ainsley, indignada com o comportamento de Cameron, oferecera-se para lho ir buscar.

Compreendia agora por que razão a Sra. Jennings cedera à sedução de Lorde Cameron. O corpo alto do homem fazia o dela parecer mais pequeno, as suas mãos tão grandes que as de Ainsley se perdiam nelas. Mas, em vez de ter medo, Ainsley sentiu-se bem na curva dos seus braços, como se tivesse sido feita para encaixar aí.

Pensamentos perigosos, muito perigosos.

Cameron beijava o pescoço de Ainsley. Ela tocava-lhe o cabelo, maravilhando-se com o seu toque de seda pura. A sua respiração era quente como uma fornalha, a sua boca era fogo e Ainsley ardia.

As fitas do corpete abriram-se e ele deslizou a mão para o interior da camisa, descendo-a pelas costas.

A realidade atingiu Ainsley como uma bofetada. O infame Cameron Mackenzie estava a desapertar-lhe as roupas com mãos habilidosas e sedutoras, preparando-se para a levar para a cama. Mas Ainsley Douglas não era uma cortesã nem uma mulher de vida livre, que pudesse fazer as suas próprias escolhas. Casara respeitavelmente, graças à presença de espírito do irmão, e o seu idoso marido esperava por ela no quarto.

John estaria sentado, com os pés dentro das pantufas e estendidos para a lareira, e provavelmente já dormitava sobre os seus jornais. A sua cabeça grisalha e despenteada estaria tombada no sono,

os óculos tortos sobre o nariz. Tão generoso, tão paciente era John Douglas, consciente de que a sua jovem mulher tinha coisas mais interessantes para fazer do que estar com ele. Ainsley ficou de coração quebrado.

— Não posso. — As palavras arrastaram-se para fora dela, empurradas por tudo aquilo que considerava certo. — Não posso, meu senhor. Lamento muito.

Cameron ficou quieto, a boca no pescoço dela, a mão sobre as suas costas nuas.

— O meu marido é um homem bom — murmurou ela. — Um homem muito bom. Não merece isto.

Maldição, gritou algo dentro de Cameron. *Maldição, maldição.*

Todo o seu corpo se rebelou contra ele quando retirou as mãos. Cameron conhecia as mulheres, sabia quando os seus corpos ansiavam pelo toque de um homem. A Sra. Douglas desejava o que ele lhe oferecia, isso era óbvio, apesar da angústia que lhe inundava os olhos cinzentos. Por trás do aroma das rosas, Cam sentia o cheiro leve que mostrava que ela estava pronta, e sabia que, se a tomasse, a encontraria escorregadia e aberta para ele.

Era óbvio que o marido não lhe satisfazia as necessidades. Se era por não querer ou por não poder, pouco importava; não a satisfazia, ou aquela senhora não estaria tão pronta a procurar Cameron.

E, contudo, a Sra. Douglas rejeitava-o por causa do marido. Era necessária uma rara coragem para tomar tal decisão, uma força que a maioria das mulheres de Cam não possuía. Aquelas mulheres queriam saciedade e não lhes importava quem magoavam para a conseguir.

Cameron puxou o espartilho da Sra. Douglas para o seu lugar, apertou as fitas e depois fechou-lhe o corpete. Virou-a de frente para ele e percorreu-lhe as faces com as costas dos dedos.

— Vá dizer ao seu bom homem a sorte que ele tem, Sra. Douglas.

— A sério que lamento muito, meu senhor.

Santo Deus, Cameron tentara seduzi-la e ela estava a pedir-lhe desculpa. Cameron pretendia prazer puro e simples, o fogo da cópula

que esvaziava a mente. Nada mais. Partira do princípio de que era também o que ela queria. E agora ela mostrava-se preocupada por poder ter-lhe causado qualquer inconveniência.

Cameron inclinou-se e depositou mais um beijo nos seus lábios entreabertos, demorando-se o mais possível.

— Vá-se embora, agora.

A Sra. Douglas acenou, sorrindo-lhe com gratidão. Gratidão, que Deus lhe valesse!

Cameron acompanhou-a, abriu a porta e, beijando mais uma vez os seus lábios humedecidos, conduziu-a para fora. Quando a Sra. Douglas se virou para falar, ele abanou a cabeça, fechou a porta e trancou-a.

Encostou a testa aos painéis frios da porta, ouvindo os passos dela no corredor vazio.

— Boa noite, rapariga — murmurou.



Cameron passou o resto da noite na cama, completamente vestido, despejando copo após copo de uísque. Passou bastante tempo a tentar não fantasiar com a bonita e jovem Sra. Douglas e com o sítio a que a sedução os podia ter levado. Fracassou por completo.

As fantasias envolveram-no num quente entusiasmo até ao dia seguinte, quando voltou a vê-la. O marido era alto e ossudo, desajeitado com Ainsley, embora se mantivesse sempre perto dela, como se precisasse de ser reconfortado pela sua presença constante. A Sra. Douglas era bondosa com ele, reparou Cameron. Não o tratava com desdém. Também reparou que a Sra. Douglas evitou cuidadosamente qualquer contacto visual consigo.

Que aventura louca Cameron poderia ter com ela — todas as noites algo de novo. Compraria joias para lhe enfeitar o corpo nu e óleos aromáticos para espalhar na sua pele. Seria discreto, algo que raramente se preocupava em ser. Convenceria a Sra. Douglas de que o seu marido nunca seria magoado por nada que eles fizessem. Encontrar-se-iam

em segredo, talvez sozinhos na sua carruagem, para se explorarem, saborearem e aprenderem minuciosamente um ao outro. A sua ligação seria gloriosa, algo em que pensar nos anos seguintes.

A agradável fantasia foi destruída na noite seguinte, quando Cameron se encontrava no terraço do salão de baile, bebendo uísque com o seu irmão Mac. Uma das antigas amantes de Cameron, Felicia Hardcastle, de corpo maravilhoso mas péssimo temperamento, surgiu no terraço e parou diante de Cameron.

— Deste-lhe o meu colar!

Colar? Que colar? As pessoas dentro do salão de baile estavam a observá-los e Mac assistia com uma mistura de surpresa e divertimento.

— De que raio falas? — perguntou Cameron.

Felicia apontou um dedo esticado através da porta do terraço para a Sra. Jennings, outra antiga amante. A senhora em questão encontrava-se no centro do salão de baile com um vestido de noite decotado, mostrando as esmeraldas que lhe rodeavam o pescoço. Esmeraldas que Cameron comprara para Felicia e que esta, descuidadamente, deixara no seu quarto no princípio da semana. Cameron guardara-as na gaveta do toucador, pensando em mandar o seu criado, Angelo, ir entregá-las à criada de Felicia.

Agora o colar de esmeraldas estava pendurado no pescoço da Sra. Jennings, que nesse momento se voltava para saudar Ainsley Douglas e apertar-lhe a mão com apreço. A Sra. Douglas, que Cameron encontrara junto do seu toucador na noite anterior.

Com mil diabos.

Felicia correu para dentro, gritando acusações à Sra. Jennings e a Ainsley. Cameron viu a bonita boca de Ainsley abrir-se e o seu olhar percorrer o salão para se fixar no seu.

A sua expressão era de confusão, choque, traição. Seria genuína? Ou mais embustes?

Não importava. A Sra. Douglas mentira-lhe, usara-o, enganara-o com a sua lacrimosa relutância em trair o marido — apenas para

roubar um estúpido colar, devido a qualquer ridícula intriga feminina. E Cameron, grande tolo, caíra no embustezinho.

Entrou no salão de baile e atravessou a multidão, esforçando-se por ignorar Felicia, a Sra. Jennings e os convidados embasbacados. Ainsley Douglas atirou-se para diante dele, e ele quase tropeçou nela.

Os seus olhos cinzentos imploravam-lhe que compreendesse, que a perdoasse. Ele sentiu o cheiro das rosas no seu peito e o aroma doce do seu corpo, e compreendeu que ainda a desejava.

Obrigou-se a olhá-la com uma indiferença de pedra, endurecendo o seu coração às lágrimas que lhe orvalhavam as pestanas. Virou-se e continuou a andar pelo meio da multidão até chegar à porta do salão de baile, saiu de casa e dirigiu-se aos estábulos.

Os odores quentes dos cavalos confortaram-no um pouco, mas avisou Angelo de que se ia embora, montou um cavalo e partiu. Embarcou num comboio para Londres nessa mesma noite e viajou para o continente na manhã seguinte.



Seis anos entre aquele dia e este passaram a correr na mente de Cameron.

Voltara esta noite ao seu quarto, a meio de outra entediante festa em casa de Hart, novamente embriagado, para ali encontrar outra vez a bela Ainsley Douglas.

Algo contundente e cru lhe desvaneceu o estado de vaga embriaguez. Cameron atirou a chave ao ar e apanhou-a, o som tilintante e sonoro no meio do silêncio.

— Então? — perguntou. — Já pensou numa explicação?

Capítulo 3

Ainsley Douglas molhou os lábios, deixando-os húmidos, vermelhos e sedutores.

— Oh, sim — respondeu. — Em dúzias delas. Estou a tentar decidir em qual acreditará.

Estava encostada à porta, com um vestido de noite cinzento que lhe desnudava metade do peito e a mesma corrente de prata que usara há seis anos a brilhar-lhe nos seios. O seu penteado de baile estava arruinado e as costas do vestido amarrotadas. Parecia tão inocente, olhando-o com os olhos muito abertos, mas Cameron não era tão tolo que acreditasse na inocência de Ainsley Douglas.

— Vou fazer um acordo consigo — disse ele. — Conta-me a verdade e eu destranco a porta e deixo-a sair.

Ainsley fitou-o mais um momento com aqueles olhos cinzentos capazes de destroçar corações, depois virou-se para a porta, arrancou um gancho do cabelo e pôs-se de joelhos para examinar a fechadura.

O coração de Cameron bateu com força e sentiu o sangue engrossar. Não tinha voltado a abotoar a camisa nem o colete, que pendiam abertos até à cintura, mas o ar não o refrescou. Tinha a pele quente e a boca seca como um túmulo. Precisava de outra bebida. Uma grande.

A posição de Ainsley realçava-lhe o traseiro, mostrando a Cameron a armação e a cauda do vestido, coberta de pregas cinzentas e pequenos laços pretos. Um caracol descia-lhe pelas costas nuas. Tinha o cabelo um pouco mais escuro do que Cameron recordava,

entrelaçado de madeixas douradas. Os cabelos louros podiam escurecer à medida que as pessoas envelheciam — ela já devia ter uns 27 anos.

O seu idoso marido falecera, e Ainsley Douglas, segundo Isabella, dividia o tempo entre o trabalho como camareira de Sua Majestade e temporadas em casa do irmão mais velho e da sua respeitável esposa. Já não sendo uma donzela ingénua, à Sra. Douglas calhara ter de servir outros para sobreviver.

Pobre pombinha.

Cameron subiu para a cama, encostou-se à cabeceira e procurou um charuto na mesinha.

— Essa fechadura é antiga — informou, dirigindo-se à oval nua das costas dela. — Boa sorte.

— Não se preocupe — disse ela, continuando a raspar. — Não encontrei até hoje uma fechadura que não fosse capaz de abrir.

Cameron acendeu o charuto, o cheiro a enxofre do fósforo e o fumo enrolando-se dentro das suas narinas.

— Pois, a senhora é mesmo do género criminoso, não é? Da última vez que invadiu o meu quarto foi para roubar um colar. Desta vez é para quê? Chantagem?

Ainsley olhou-o rapidamente, com as faces coradas.

— Chantagem?

— Não a aconselharia a chantagear a Phyllida Chase, pombinha. Ela é capaz de a comer ao pequeno-almoço.

Ainsley lançou-lhe um olhar rápido e desdenhoso antes de se virar de novo para a porta.

— Eu, chantagear a *Sra. Chase*? Nem pensar. E já expliquei à Isabella a história do colar. Pensava mesmo que era da Sra. Jennings.

Cameron atirou o fósforo apagado para uma taça.

— Quero lá saber do maldito colar. Foi há muito tempo, e intrigas de mulheres venenosas não têm qualquer interesse para mim.

— Muito me apraz ouvi-lo, Lorde Cameron — comentou Ainsley, concentrada na fechadura.

Porque é que quando pronunciava o nome dele, o transformava em música? Cameron recostou-se e fumou. Devia saborear as folhas temperadas com brande, mas estava tão distraído que também podia estar a fumar um pau chamuscado.

Se não estivesse tão bêbado, limitar-se-ia a destrancar a porta, deixava-a sair e esquecia-a. Mas continuava a ter memórias súbitas daquela noite há seis anos — o calor feérico da sua pele, o seu toque hesitante mas cheio de desejo, a sua respiração rápida enquanto ele lhe beijava o peito.

Agora ela era seis anos mais velha e o vestido cinzento não a favorecia nada, mas o tempo só lhe aumentara a beleza. Seios luxuriantes transbordavam do decote do corpete, as ancas tinham alargado e revelavam-se, excitantes, sob a saia apertada. A sua expressão refletia mais experiência do mundo, os olhos cinzentos continham um pouco mais de ceticismo, tinha mais autocontrolo.

Se Cameron conseguisse convencê-la a passar ali a noite, poderia finalmente experimentar o sabor quente e sensual de Ainsley Douglas, que o enfeitiçara durante todos aqueles anos. Quente, suave, semelhante a canela. Encostá-la-ia à porta e lambe-la-ia a pele húmida de suor, dir-lhe-ia o que verdadeiramente pretendia em troca de a deixar sair. Ela só tinha de terminar o que tinham começado seis anos antes, e ele abriria a porta e libertá-la-ia.

Cameron obrigou-se a afastar o olhar dela e continuou a fumar. O seu olhar vagueou e recaiu no casaco aberto em cima da cama e no canto do papel que saía do bolso.

Esquecera-se da carta, ou lá o que era, que Phyllida lhe dera nessa manhã. Pedira-lhe que a mantivesse em segurança, e Cameron guardara o papel, sem qualquer interesse. O seu criado, Angelo, devia tê-lo encontrado e considerado suficientemente importante para o guardar no casaco formal de Cameron.

Este retirou o papel do bolso e abriu-o. Era parte de uma carta à qual faltava a saudação e a assinatura. Ergueu as sobrancelhas quando começou a ler. Era uma declaração delicadoce, dirigida a um

homem aparentemente viril, a prosa afogada em pontos de exclamação e sublinhados. A carta era sentimental e enfática, o que não parecia nada o estilo de Ainsley Douglas.

Ele ergueu a folha.

— Era isto que procurava, Sra. Douglas?

Ainsley virou a cara para ele e pôs-se lentamente de pé. O choque e desânimo da sua expressão disseram a Cameron tudo o que precisava de saber.

— Isso não é seu — disse ela.

— Caramba, espero bem que não. «O teu honesto sobrolho está coroado de orvalho e mel, os teus músculos são como os de Vulcano na sua forja.» Quanto tempo demorou a elaborar esta porcaria?

Ainsley marchou pela carpete e parou ao lado da cama, de braço estendido.

— Dê-me isso.

Cameron olhou a sua palma enluvada, tão rigidamente estendida, e teve vontade de rir. Ela esperava que ele lhe devolvesse humildemente a carta, talvez até que a acompanhasse à porta e se desculpassem pela inconveniência?

— Para quem escreveu isto?

Fosse quem fosse, não merecia que aquela mulher linda lhe escrevesse nada, nem mesmo uma carta tão horrível como aquela.

Ela corou.

— Isso não é meu. É... de uma amiga. Posso tê-la de volta, por favor?

Cameron dobrou a carta ao meio.

— Não.

Ela piscou os olhos.

— Porque não?

— Por querê-la tanto.

Ainsley sentiu uma dor no peito. Lorde Cameron estendeu-se na cama e riu para ela, os olhos com reflexos dourados, abanando a carta entre os dedos fortes. O colete e a camisa estavam abertos,

mostrando-lhe um V de peito pontilhado de pelos negros. Um homem em trajes íntimos, que se despira para a sua amante. O *kilt* amarrotado em torno dos joelhos, a bainha presa numa cicatriz que ela vira quando a Sra. Chase o levantara.

Ele era rude, descortês, bruto e perigoso. Lorde Cameron, diziam as pessoas, colecionava erotismo, em livros e em arte. Ela não viu ali qualquer sinal disso, se bem que a pintura pendurada sobre o seu toucador — uma mulher sentada na cama a calçar as meias — fosse de uma sensualidade desinibida.

Apesar de uma senhora dever olhar Lorde Cameron com censura e até mesmo apreensão, o sangue de Ainsley fervilhava. Ele desperitava novamente nela coisas que tinham permanecido mortas demasiado tempo.

— Por favor, Lorde Cameron, dê-me essa carta. É muito importante.

Cameron expeliu o fumo do charuto na direção do rosto dela. Ainsley tossiu e sacudiu o fumo.

— Está ligeiramente tocado pela bebida — disse ela.

— Não. Estou perdido de bêbado e planeio embebedar-me mais. Acompanha-me num *single malt*, madame? É da melhor reserva do Hart.

Os Mackenzies eram proprietários de uma pequena destilaria que fornecia uísque escocês a toda a Escócia e a clientes especiais em Inglaterra. Toda a gente sabia disso. A destilaria apenas dera rendimentos modestos até Hart a herdar — de acordo com Isabella, Hart e Ian, entre os dois, tinham-na transformado num empreendimento altamente rentável.

Ainsley imaginou Cameron a tomar um lento trago de uísque, lambendo uma gota dos lábios. Engoliu em seco.

— Se lhe mostrar que o uísque não me mete medo, dá-me a carta e deixa-me sair?

— Não.

Ainsley soltou um suspiro exasperado.

— Diabos o levem, Lorde Cameron, é o mais irritante e miserável... — Com um gesto rápido, tentou arrebatá-lo a carta, mas Cameron ergueu-a fora do seu alcance.

— Não faça isso, Sra. Douglas.

Ainsley semicerrou os olhos e sacudiu com a mão, não a carta, mas o charuto, que voou dos dedos de Cameron e ressaltou nas cobertas da cama. Cameron mergulhou atrás dele, resmungando.

— Maldita sejas, mulher!

Ainsley tinha um joelho em cima da cama e segurava nos dedos a carta que ele largara para apanhar o charuto. No instante seguinte, deu por si estendida no colchão com Lorde Cameron em cima dela, os pulsos presos por cima da cabeça pela sua mão enorme. Lorde Cameron podia estar bêbado, mas era forte.

— Muito esperta, Sra. Douglas. Mas não suficientemente rápida.

Ainda segurando os pulsos de Ainsley, Cameron atirou o charuto para cima do da mesinha, depois arrancou-lhe a carta dos dedos. Ela debateu-se mas não conseguiu movê-lo, a enorme mão dele continuou a prendê-la firmemente.

Cameron enfiou a carta no bolso do colete e aproximou-se mais dela, a sua respiração a queimar-lhe a pele. Ia beijá-la. Ela sonhara com o seu beijo nos anos solitários entre o seu primeiro encontro com ele e este dia, recordando a pressão quente da sua boca, o calor da sua língua. E, agora, deixaria que ele a beijasse novamente. Alegrementemente.

Perto, cada vez mais perto. Cameron roçou os lábios, ao de leve, na linha do seu cabelo.

— Para quem é a carta? — murmurou.

Ainsley mal podia falar.

— Não é da sua conta.

O sorriso dele era pecaminoso.

— Parece-me demasiado inocente para ter amantes. Mas sei que é uma boa mentirosa.

— Não estou a mentir e não tenho amantes. A carta é de uma amiga, já lhe disse.

— Deve ser uma grande amiga, para se dar a todo este trabalho.
— Tirou a chave do bolso e tocou-lhe os lábios com ela. — Quer isto, não quer?

— Sim, gostaria de sair deste quarto.

O olhar de Cameron aqueceu.

— Tem a certeza?

— Certeza absoluta. — *Acho eu.*

Cameron percorreu-lhe os lábios com a chave de metal frio e duro.

— O que faria por esta chave, bela Sra. Douglas?

— Não sei. — Era a mais completa verdade. O que quer que Cameron lhe pedisse, Ainsley receava fazê-lo sem protesto.

— Beijar-me-ia por ela?

Ainsley olhou para os lábios dele e molhou os seus.

— Sim. Sim, creio que beijaria.

— Senhora ousada e maléfica.

— Devo ser, não é verdade? Não gritei, não o esbofetei nem lhe dei uma joelhada entre as pernas.

Cameron pareceu sobressaltado, depois desatou a rir. Era um riso genuíno, um som rouco mas caloroso que fez estremecer a cama. Ainda a rir, Cameron inclinou a cabeça para trás e meteu a chave na boca.

— Que faz... — Ainsley interrompeu-se quando Cameron a beijou, colocando a língua — e a chave fria — dentro da boca dela. Tinha os lábios fortes, dominadores, a língua vigorosa.

Cameron voltou a erguer a cabeça, ainda a sorrir.

Percebendo que tinha as mãos livres, Ainsley tirou a chave da boca.

— Podia ter-me engasgado com isto, meu senhor.

— Eu não teria deixado. — O tom dele tornara-se subitamente gentil, o tom de um homem que atraía à sua mão os cavalos mais relutantes. Nesse instante, Ainsley apercebeu-se da solidão nos seus olhos, um poço de solidão que preenchia todos os seus espaços.

Ainsley conhecia bem a solidão. Estava frequentemente sozinha, apesar de viver entre tanta gente, mas também sabia que tinha família e amigos que estariam ao seu lado quando precisasse realmente deles. Lorde Cameron tinha família, os famosos Mackenzies, quatro homens que não conseguiam manter-se fora dos pasquins de escândalos, e um filho, Daniel, que estava a maior parte do tempo na escola. Os dois irmãos mais novos tinham mulheres e novas famílias que os ocupavam; o irmão mais velho, Hart, tinha o ducado. E Cameron, o que tinha?

A paixão apertou-lhe o coração e Ainsley estendeu a mão para lhe tocar o rosto.

Instantaneamente, Cameron rolou de cima dela, afastando o seu calor inebriante, ao mesmo tempo que a levantava. Ela deu por si sentada na ponta da cama, segurando a chave, antes de a mão dele por baixo do seu traseiro a pôr de pé.

— Vá — disse ele. — Já pode sair daqui e eu quero dormir.

Ainsley estendeu a mão.

— Com a carta?

— Que se dane a carta. Saia daqui, mulher, e deixe-me em paz.

As portadas que se erguiam entre ambos voltaram a fechar-se. Lorde Cameron era duro e imprevisível. De poucos em poucos meses trocava de amante, era impiedoso quando se tratava de vencer corridas e ferozmente protetor dos seus cavalos e do filho.

Cavalos e mulheres, ouvira alguém dizer acerca dele. *Só se preocupa com isso, e por essa ordem.*

E, todavia, ela vira aquele lampejo de nostalgia nos seus olhos.

Cameron ainda tinha a página da carta. Ainsley perdera aquela batalha, mas haveria outra. Tinha de haver.

— Nesse caso, boa noite, Lorde Cameron.

Com a mão sob o braço dela, agora sério e não brincalhão, Cameron conduziu-a à porta, esperou que ela girasse a chave na fechadura e quase a empurrou para fora do quarto. Sem a olhar, fechou a porta e Ainsley ouviu o estalido decidido da tranca.

Bem.

Ainsley suspirou e encostou-se à parede mais próxima. Todos os seus membros tremiam, sentia um aperto no peito, o corpete demasiado apertado. Ainda conseguia sentir o peso do corpo comprimido de Cameron em cima do seu, a força da sua mão nos seus pulsos, a sensação da boca dele na sua.

Ela não esquecera o seu toque, o calor do seu beijo, a sua força, embora tivessem passado seis anos. Que homem era aquele, um homem proibido, inalcançável, a quem Ainsley Douglas e os seus problemas não importavam nada. Cameron ainda tinha a carta e ela precisava de a recuperar antes que ele a desse a Phyllida ou, pior, ao seu irmão Hart. Se Hart Mackenzie soubesse que tesouro Cameron transportava imprudentemente no bolso, o implacável duque não hesitaria em usá-lo, não tinha dúvidas.

Mas, de momento, Ainsley apenas conseguia pensar na longa extensão do corpo de Cameron comprimindo-a de encontro ao colchão, no calor da respiração dele na sua boca. Como seria ser sua amante?

Maravilhoso, maléfico, demasiado poderoso para o gosto de Ainsley Douglas. Ele chamara-lhe rato, lembrava-se ela, quando a encontrara encolhida no banco da janela.

Quando finalmente se afastou da parede e se dirigiu às escadas das traseiras, também se lembrou de algo que vira quando Cameron lhe segurara as mãos por cima da cabeça.

A sua manga solta levantara-se, revelando cicatrizes ao longo do interior do antebraço. As cicatrizes tinham-se esbatido com o tempo, mas cada uma delas era perfeitamente redonda, com cerca de um centímetro e meio de diâmetro. Ainsley reconhecia aquela forma devido a um acidente que um dos seus irmãos sofrera, mas no caso de Sinclair fora uma única queimadura.

Alguém, há muito tempo, se divertira a queimar Lorde Cameron com um charuto.



A manhã estava suficientemente agradável para Angelo montar a *Night-Blooming Jasmine* e deixá-la galopar no único campo que não estava demasiado lamacento para os cavalos. Cameron cavalgava atrás deles num cavalo de corrida reformado, enquanto Angelo deixava *Jasmine* correr a toda a velocidade.

Cameron sentia o poder do cavalo que montava, o vento no rosto, a excitação da velocidade — tudo contribuindo para o libertar do seu estado atordoado e ressacado. Ele apenas despertava para a vida quando montava um cavalo ou observava a graça e força destes ao correrem. Por vezes, quando atingia o momento de paixão com uma mulher, sentia o mesmo ímpeto vital, mas em todas as outras situações Cameron Mackenzie estava meio morto, caminhando pela vida e mal a sentindo.

A exceção? As duas vezes em que encontrara Ainsley Douglas no seu quarto. Em ambas sentira aquele impulso e clamor de excitação, a euforia a entrar-lhe no corpo.

Cameron não dormira depois de Ainsley ter saído do quarto na noite anterior. Tentara aliviar o desejo e a raiva com uísque e charutos, mas nada resultara. E agora ali estava, cedo como o diabo, com a cabeça a latejar e a boca seca, tentando treinar o cavalo mais difícil da sua carreira.

Night-Blooming Jasmine, um animal de 3 anos e uma velocidade incrível, quase fora destruída pelo esforço a que a tinham obrigado para vencer as grandes corridas, antes de estar preparada. O seu proprietário, um cretino visconde inglês, Lorde Pierson, já recorrera a uma série de treinadores, encontrando defeitos em todos e transferindo *Jasmine* de um para outro em rápida sucessão. Pierson desprezava abertamente Cameron por este treinar os seus próprios cavalos e, por vezes, os cavalos de outros. Um cavalheiro devia contratar quem fizesse por ele as tarefas de baixo nível, dissera Pierson.

Cameron não via razão para ter cavalos se não fosse para viver no meio deles. Aprendera, muito jovem, que tinha um dom para os

animais. Não só conseguia trazer à superfície o melhor de cada um, como os cavalos o seguiam pelos picadeiros como se fossem cães e ficavam ansiosamente alerta quando ele se aproximava do estábulo.

Jasmine era uma égua castanho-escura, com a crina e a cauda cor de café, de pernas longas e coração saudável. Tinha o ânimo e a velocidade, mas Pierson quase a destruíra. Quisera apresentá-la, só com 3 anos, nas corridas sem obstáculos mais importantes do ano: Epsom, Newmarket, Doncaster. *Jasmine* caíra em Newmarket, felizmente sem se magoar, e terminara dignamente, o que tinha mais a ver com o talento do seu jóquei do que com os cuidados do treinador.

Em Epsom, com um novo treinador e um novo jóquei, fraquejara e chegara no meio do grupo. Pierson, irritado, despedira o treinador e o jóquei e levava *Jasmine* a Cameron, afirmando que ele era a sua última esperança. Pierson lamentava muito que a sua última esperança fosse um dos malditos Mackenzies escoceses, mas não tinha alternativa. *Jasmine* tinha de ganhar a corrida de St. Leger em Doncaster e ponto final.

Cameron teria mandado Pierson para o diabo, mas depois de olhar o corpo luzidio e os olhos matreiros da égua não conseguiu virar-lhe as costas. Sabia que aquele animal possuía algo que ele conseguiria trazer à superfície. Precisava de a salvar de Pierson, por isso concordou.

Duvidava que ela ganhasse em Doncaster e disse-o francamente a Pierson. A égua estava cansada, perturbada, e precisava de muitos cuidados, mesmo que só para terminar a corrida. Pierson não gostou de o saber, mas o problema era dele.

Jasmine, pelo menos, estava a correr bem essa manhã, mostrando todo o seu potencial, e arqueou orgulhosamente o pescoço quando Angelo a afagou. Alguns dos convidados de Hart alinhavam-se fora do campo — conservando uma distância segura, como Cameron instruíra ao longo de toda a semana.

Não viu em parte alguma uma senhora com lindos cabelos dourados a observá-lo, por mais que a procurasse enquanto fingia não

o fazer. Ainsley Douglas estava, provavelmente, a ajudar Isabella e Beth a organizar alguma coisa. Isabella passara muito tempo essa semana a tecer elogios aos dotes da Sra. Douglas para organizar.

Era claro que possuía esse dom. Os criminosos têm de ser organizados, para não serem apanhados. O papel no bolso de Cameron recordava-o disso mesmo.

O filho de Cameron, Daniel, montava outro cavalo de corrida, mais experiente, que determinava o ritmo para *Jasmine*. Cameron parou o seu cavalo para observar, notando com orgulho, enquanto Daniel seguia a meio galope lado a lado com *Jasmine* e Angelo, que o filho tinha dom para os cavalos. Danny seria um excelente treinador se enveredasse por esse caminho.

Não só o corpo alto e magro de Daniel dera um salto ao longo do verão, igualando agora a altura do pai, como a sua voz engrossara e os ombros tinham alargado. Tornara-se um homem sem que Cameron se desse conta e agora não sabia bem o que fazer em relação a isso. Daniel estava a sair-se notavelmente bem, apesar de tudo, o que Cameron atribuía à ajuda dos irmãos e à influência das cunhadas.

Angelo e Daniel deram a volta com os cavalos até onde Cameron esperava, o cigano Angelo sorrindo de prazer.

— Ela está em excelente forma esta manhã — disse Angelo.

— Pois. — Daniel estendeu o braço e afagou o pescoço de *Jasmine* com um orgulho de proprietário. — Apesar dos problemas que nos causa. Quem me dera ser jóquei e conduzi-la à vitória, mas já sou demasiado alto.

— Os jóqueis têm uma vida infernal, filho — disse-lhe Cam. Compreendia o anseio do filho, mas queria que o seu pescoço se mantivesse inteiro.

— Pois, tantos cavalos, dinheiro e mulheres... deve ser uma tortura — disse Daniel.

Angelo riu e *Jasmine* estendeu o pescoço para Cameron, que lhe acariciou o focinho.

— Estás a sair-te bem, menina. Tens estofo, sei disso.

— Mas não vai ganhar — disse Angelo. — Faltam três semanas para Doncaster.

— Eu sei.

— E o Pierson?

— Eu trato do Pierson. Tu manténs-te afastado dele.

Angelo riu.

— Nada a recear.

Os hóspedes de Hart talvez ficassem chocados por ouvirem Angelo falar com tanta familiaridade com Cameron, mas os dois homens, mais do que patrão e criado, eram amigos. Cameron achava Angelo uma lufada de franqueza, e Angelo concluía que Cameron tinha bom senso, para um anglo-saxão. Além disso, Cameron percebia de cavalos e isso facilitara a amizade entre ambos.

Do outro lado do campo, os convidados estavam a ir-se embora, conduzidos até ao relvado pela ruiva Isabella.

— Que estão eles a fazer? — resmungou Cameron.

— Um jogo de *croquet* — disse Angelo. — Coisa mais aborrecida.

— É um jogo mesmo chato — concordou Daniel.

Cameron já não estava a ouvir. Outra mulher juntara-se a Isabella, uma mulher com um vestido cinzento e cabelos da cor do sol.

— A *Jasmine* já treinou o suficiente esta manhã — disse Cameron.

— Refresca-a e leva-a para dentro, Angelo.

Angelo lançou outro sorriso e fez *Jasmine* virar-se. Daniel seguiu-o sem uma palavra. Cameron cavalgou até ao extremo do picadeiro para desmontar, atirou as rédeas a um moço de estrebaria e subiu a encosta em direção à casa.

— Mete-me neste jogo, Izzy — disse Cameron, quando chegou junto de Isabella no extremo do relvado bem tratado. Pares de senhoras e cavalheiros esperavam do outro lado, alguns cavalheiros balançando tacos e rolando os ombros para se exibirem diante das senhoras.

Isabella virou-se para Cameron, surpreendida.

— Estamos a jogar *croquet*.

— Sim, eu sei o que é. Dá-me um maldito taco.

— Mas tu odeias *croquet*. — Isabella continuava a piscar os olhos verdes para ele.

— Mas hoje não odeio, Izzy. Quero que me ponhas como par da Sra. Douglas.

— Ah! — O olhar de surpresa de Isabella tornou-se um olhar de interesse. — A Sra. Douglas, dizes tu?

Ambos se viraram para Ainsley, que estava debaixo de uma árvore do outro lado do relvado, o conde italiano a seu lado tentando chamar-lhe a atenção. O vestido de Ainsley, debruado com fita cinzenta mais escura, tinha mangas compridas e colarinho alto, abotoado até ao pescoço. Cameron não gostava de lho ver — era como uma ave de plumagem garrida embrulhada num lençol.

— Devias ter-me avisado antes — dizia Isabella. — Já lhe arranjei um parceiro.

— Então muda-o.

— Mudá-lo? Meu querido Cameron, distribuir parceiros entre os convidados do Hart é uma tarefa extremamente delicada. Todo o jogo de *croquet* é como um equilíbrio de poderes europeus. Se eu mudar uma equipa, terei de as mudar todas. Dou graças por a Ainsley poder encarregar-se do conde.

Mac surgiu por trás de Isabella, deslizou um braço pela sua cintura e acariciou-lhe a bochecha com o nariz.

— O Hart e os seus jogos políticos de *croquet*. Consigo pensar em tantas coisas melhores para fazer esta manhã, em vez de bater uma bola em torno de um relvado.

Isabella corou mas não afastou a mão do marido quando esta deslizou para a sua barriga, onde começava a crescer o seu segundo filho.

— Prometi ao Hart que o ajudava — disse Isabella. — Parecia tão desesperado quando mo pediu.

— Devia estar. — Mac continuou a acariciá-la com o nariz. — A propósito, onde está ele?

— A cortejar diplomatas com brande e charutos, atrás de portas fechadas — disse Isabella.

— Deixando-nos o trabalho aborrecido — resmungou Mac.

O irmão mais novo, Ian, também estava ausente, mas nenhum deles precisava de perguntar porquê. Cameron já falara com ele essa manhã, mas Ian não gostava de multidões nem de jogos em que pudesse calcular, em dois minutos, as trajetórias vencedoras. Aborrecia-se, sentia-se desconfortável e fugia para se isolar, dando motivo de conversa aos convidados de Hart.

No passado, preocupado com Ian, Cameron iria certificar-se de que ele não estava sentado sozinho a um canto, ou a fitar durante horas uma taça Ming, ou debruçado sobre um qualquer interminável exercício de matemática. Hoje em dia, Cameron sabia que o irmão usava a desculpa de não lhe agradarem as multidões para passar mais tempo sozinho com a mulher — na cama. Astucioso.

— Se queres mesmo entrar no jogo, Cameron, ponho-te a cuidar da Sra. Yardley — sugeriu Isabella. — Ela ofereceu-se para ficar de fora enquanto o número fosse ímpar, mas sei que adoraria jogar.

O olhar de Cameron vagueou para o relvado, onde o conde pegara no braço de Ainsley para a conduzir ao primeiro arco.

— Muito bem — assentiu. — Que seja a Sra. Yardley.

— Excelente. Ela vai ficar satisfeita. — Isabella sorriu e estendeu um taco. — Pensa nisto como um jogo de pólo muito lento. Diverte-te, Cam.

— Oh, tenciono divertir.

Cameron pegou no taco e marchou resolutamente para o relvado. Ainsley Douglas, entretida com o seu conde, nem uma só vez olhou para ele.



LORDE CAMERON É UM HOMEM DE GOSTOS SIMPLES... E DE PRAZERES COMPLEXOS.

Cameron Mackenzie é um afamado libertino com apenas dois interesses na vida: cavalos e mulheres — e se estas forem casadas, melhor ainda!

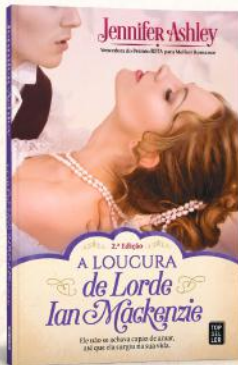
Ainsley Douglas é uma mulher com a missão de salvar a Rainha de Inglaterra de um escândalo, resgatando as suas cartas comprometedoras — mesmo que para isso tenha de se infiltrar nos aposentos privados de um homem de reputação duvidosa.

O problema é que, ao apanhá-la em flagrante, Lorde Cameron não quer saber das explicações de Ainsley para tal ousadia. O único interesse dele é tê-la finalmente à sua mercê, agora que ela está viúva e novamente disponível.

Todavia, este jogo de sedução acarreta também os seus perigos. Apesar de tudo, Lorde Cameron Mackenzie é um homem com um passado conturbado e razões para não confiar em nenhuma mulher... Conseguirá Ainsley convencê-lo a quebrar as suas próprias regras?



DA MESMA
AUTORA:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-46-6



9 789898 855466

Ficção Romântica